



POR RICARDO JACOMASSI,
ECONOMISTA-CHEFE DA HEGEMONY PROJEÇÕES ECONÔMICAS
✉: RICARDO.JACOMASSI@HEGEMONY.COM.BR

PARA ONDE FOI TODO ESSE DINHEIRO?

Este artigo é dedicado aos analistas e gestores, bem como aos demais questionadores que buscam compreender, mesmo que superficialmente, o porquê de países como a Itália, por exemplo, estarem em crise. Tal situação que nos leva a refletir sobre os perigos que o dinheiro fácil pode causar às finanças pessoais e corporativas.

Na verdade – e sem trocadilhos do economês – a ideia para escrever o artigo deste mês surgiu de uma simples pergunta feita por um analista de uma companhia nacional durante um evento que tratava de comércio exterior: “Para onde foi todo esse dinheiro?”.

A reflexão sobre como chegam as dificuldades financeiras a partir do dinheiro fácil inclui também o motivo das crises do Brasil nas décadas de 1980 e 1990 e do nosso vizinho, a Argentina, nas décadas de 1990 e 2000. Aos que não sabem, até hoje a Argentina tem sérias dificuldades de acessar dinheiro externo, além de conviver com um sistema monetário “paralelo” de circulação de dólar.

De fato, os mecanismos que levaram à crise da dívida na Europa têm relações distintas das experimentadas pela América Latina nas décadas anteriores, porém são iguais na sua natureza essencial: *utiliza-se dinheiro emprestado para pagar seus gastos.*

“Para sustentar seus gastos, esses países emitiram vultosos volumes de títulos no mercado, ignorando o limite da capacidade das suas receitas correntes. Deu no que deu...”

De maneira bem simples, as fontes de recursos dos governos, basicamente, são oriundas das receitas correntes (tributos e contribuições, por exemplo); receitas intraorçamentárias e receitas de capitais (operações de créditos, geralmente as mais representativas). Fora dessas três órbitas, não existe mágica para novas fontes de recursos.

Acontece que essas fontes são limitadas. Eis, então, o ponto mais importante da lógica: *as despesas são ilimitadas* – ou seja, enquanto existem limitações para a arrecadação, os gastos dos governos podem ser ilimitados. De posse desse conhecimento, governos irresponsáveis e corruptos podem causar desgraças às economias de suas nações.

Quando as despesas correntes, ou seja, os gastos com salários do funcionalismo público, benefícios previdenciários, educação e saúde públicas, forças armadas, entre outros, superam as receitas correntes, naturalmente os governos buscam tomar “emprestado” dinheiro no mercado para se autofinanciar.

Dessa forma, denomina-se déficit o resultado negativo entre o saldo da conta de despesas menos o das receitas arrecadadas, sendo o saldo positivo dessa mesma conta chamado superávit. Para financiar parte de suas despesas, os governos emitem títulos com o objetivo de captar recursos no mercado financeiro.

Os maiores compradores dos títulos são os bancos e, em menor proporção, pessoas comuns. Para captar esses recursos, o governo paga uma taxa de juros que, no caso brasileiro, tem como benchmark a taxa Selic. Seguindo a premissa do risco, quanto mais incerteza em relação à situação econômica do país, mais alta será a taxa de juros que o governo terá de pagar no mercado.

Foi isso o que aconteceu com Grécia, Portugal e Itália. Para sustentar seus gastos, esses países emitiram vultosos volumes de títulos no mercado, ignorando o limite da capacidade das suas receitas correntes. Deu no que deu... Estão pagando preço alto pela irresponsabilidade fiscal e pela falta de comprometimento com a redução de suas despesas. Em bom economês, é simples a resposta: todo esse dinheiro foi para o ralo... ■

